



FACULDADE
FESP
EDUCAÇÃO SUPERIOR DESDE 1937



NOSSA MISSÃO É TRANSFORMAR PESSOAS



SINTAXE: POR UMA METODOLOGIA INTERDISCIPLINAR E LÚDICA

Regina Aparecida Milléo de Paula¹
Heloisa Cristina Nadal Cordeiro²

Resumo: Este estudo pretende apresentar uma proposta de sequência didática aplicada na disciplina de Língua Portuguesa. Proposta esta que se demonstrou como possibilidade de práticas pedagógicas para o ensino da sintaxe nas séries finais do ensino fundamental utilizando gêneros textuais diversos e ludicidade. Tal apresentação deflagrará discussão e análise que possibilita a abordagem e discussão de metodologias diferenciadas para o ensino sintaxe nas series finais do Ensino Fundamental. Além disso, acredita-se que ao optar por uma metodologia interdisciplinar e lúdica oportuniza-se a compreensão de estruturas sintáticas com o auxílio de textos poéticos, letras de músicas e textos narrativos, fábulas e mitos. Dito de outro modo, este artigo ancorando-se em Damasceno Junior (2009) e Pereira (2008-2009) busca apresentar e analisar uma prática servindo-se das novas perspectivas de ensino da norma: O texto como base para o ensino da sintaxe.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Sintaxe. Ensino. Texto.

SYNTAX: BY A METHODOLOGY INTERDISCIPLINARY AND PLAYFUL

Abstract: This study aims to present a proposal for didactic sequence applied in the discipline of Portuguese Language. A proposal which was prove as the possibility of teaching practices for the syntax education in the upper grades of elementary school using various genres and playfulness. Such representation will trigger discussion and analysis that enables approach and discussion of different methodologies for teaching syntax in the final series of high school. In addition, it is believed that by opting for an interdisciplinary and playful methodology gives opportunity to the understanding of syntactic structures with the aid of poetic texts, lyrics and narrative texts, fables and myths. In other words, this article anchoring in Damascus Junior (2009) and Pereira (2008-

¹ Doutora em Ciências da Linguagem (UNISUL), doutorado realizado com Bolsa PROSUP/CAPES. Mestre em Ciências da Linguagem (UNISUL). Especialista em EAD: Tutoria, Metodologia e Aprendizagem (FAEL/EADCON). Licenciada em Letras Português Inglês (UEPG). Professora do Curso de Letras - Habilitação Plena em Português/Inglês e Respectivas Literaturas; do Curso de Tecnologia em Gestão de Produção Industrial; do Curso de Jornalismo e do Curso de Pedagogia da Sociedade Educativa e Cultural Amélia Ltda (SECAL). E-mail: reginamilleo@yahoo.com.br.

² Graduanda em Letras - Habilitação Plena em Português/Inglês e Respectivas Literaturas da Sociedade Educativa e Cultural Amélia Ltda (SECAL). E-mail: heloncordeiro@hotmail.com.



FACULDADE
FESP
EDUCAÇÃO SUPERIOR DESDE 1937



NOSSA MISSÃO É TRANSFORMAR PESSOAS



URI | FREDERICO
WESTPHALEN

2009) aims to present and analyze a practice making use of new educational perspectives of the standard: The text as a basis for the syntax of education.

Keywords: Portuguese. Syntax. Education. Text.

Sumário: 1. Introdução: 1.1 Texto; 1.2 Objetivos; 1.3 Metodologia e análise da prática do ensino da sintaxe: abordagem interdisciplinar e lúdica – 2. Considerações finais – Referências- Anexo: As Asas de Ícaro.

INTRODUÇÃO

Em seu artigo: Didática do Ensino da Língua Portuguesa, Regina Celi Mendes Pereira³ conclui que uma das grandes dificuldades da formação inicial e também continuada dos discentes de Língua Portuguesa reside no tratamento dado à transposição didática de modo a fornecer as condições para uma efetiva articulação entre teoria e prática.

Para Damasceno Junior⁴, ensinar gramática sempre foi um desafio para qualquer professor de Língua Portuguesa, seja ele da educação básica ou do ensino superior. Contudo, explica o autor, esse não é um privilégio do educador, os alunos, em grande maioria, também têm dificuldade para entender o que é gramática e quando deve ser usada.

Nos dias de hoje, deve-se mostrar a prática de uso da norma e não somente teorias e exemplos descontextualizados. Para que o aluno possa ver a importância de tantas regras, deve-se se provar que o não uso pode provocar desde interpretações equivocadas até a impossibilidade de comunicação.

³ PEREIRA, R. C. M.. Didática do ensino de língua portuguesa. In: Aldrigue, Ana Cristina de Sousa; Faria, Evangelina Maria Brito de. (Org.). Linguagens usos e reflexões. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2009, v. 5, p. 223-261.

⁴ DAMASCENO JUNIOR, Raimundo Nonato Silva. Texto: A base para o ensino da gramática. 2009. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Letras – Língua Portuguesa e suas literaturas. Faculdade Evangélica de Brasília, Distrito Federal, 2009. Disponível em: <<http://monografias.brasile scola.com/educacao/texto-base-para-ensino-gramatica.htm>>. Acesso em: abr. 2015.



Partindo desse ponto, parafraseando uma inquietação de Damasceno Junior⁵, surge a seguinte questionamento mobilizador de um movimento de investigação: Há como o professor utilizar o texto como base para o ensino da gramática?

Tal questionamento volta-se para a reflexão de que o ensino da sintaxe necessita de uma relação intertextual e interdisciplinar para se tornar significativo, para que não fiquem frases soltas, fora do contexto que além de distanciar o aluno da função da sintaxe, desmotiva o aprendizado.

TEXTO

De maneira geral, texto é a construção de enunciados verbais e não-verbais, ligados por elementos coesivos, os quais tornam coerente esta proposição de acordo com o contexto. Assim, o contexto interfere diretamente no processo de interpretação. Tais considerações permitem afirmar que o texto deve ser o ponto de partida para atividades que estimulam a interlocução e, conseqüentemente, a apropriação de sentido e a significação.

Todo texto tem um sujeito, um autor (que fala, escreve). Os possíveis tipos, modalidades e formas de autoria. [...] O problema das fronteiras do texto. O texto como enunciado. Dois elementos que determinam o texto como enunciado: a sua ideia (intenção) e a realização dessa intenção. As inter-relações dinâmicas desses elementos, a luta entre eles [...]. O problema do segundo sujeito, que reproduz (para esse ou outro fim, inclusive a pesquisa) o texto (do outro) e cria um texto emoldurador (que comenta, avalia, objeta, etc.) [...]. O texto como enunciado incluído na comunicação discursiva (na cadeia textológica) de dado campo. As relações dialógicas entre os textos e no interior de um texto.[...] ⁶.

⁵ Ibid.

⁶ BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. [1979] 1.ed. Trad. do francês de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins e Fontes, 1992, p. 331.



FACULDADE
FESP
EDUCAÇÃO SUPERIOR DESDE 1937



NOSSA MISSÃO É TRANSFORMAR PESSOAS



Logo, o texto é o carro-chefe no ensino da Língua Portuguesa, seja nos estudos literários, seja nos mais técnicos, como a gramática. “Na verdade, só no convívio com a análise de textos é possível a descoberta do quanto à gramática é importante”⁷. Um texto é formado por um sistema linguístico, com sua fonologia, morfologia, sintaxe, léxico e semântica, ou seja, a língua é regida por um sistema de bases, e isso não pode ser ignorado. A interação e o processo de interpretação não se configuram e se constituem em unidades isoladas, mas sim, em unidades maiores, ou seja, por textos. Sabe-se que muitas são as sequências didáticas propostas e sugeridas nas metodologias de ensino da língua portuguesa; nas diretrizes; nos referidos parâmetros; nos cursos de licenciatura de se trabalhar um texto, a questão é como isso é posto em prática pelo professor.

A preocupação com o ensino da Língua Portuguesa, no momento em que os estudos da linguagem revelaram o comprometimento de seu uso com o exercício do poder, nos coloca em um debate sobre o que se poderia ou deveria propor como atividades com o texto, já que o ensino da língua através de textos vem a ser hoje um consenso entre linguistas teóricos e aplicados, e uma prática comum nas escolas, sendo também orientação dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa. Os PCNs consideram o texto como o ponto-chave para o ensino de língua portuguesa. Segundo eles, o discurso quando realizado pelo falante, seja de forma oral ou escrita, produz um resultado significativo e este resultado é um texto. Um texto para ser um texto deve estar inserido em um contexto para ser compreendido por seu leitor, caso contrário será apenas um amontoado de palavras sem sentido⁸.

Tais considerações permitem fazer um mergulho mais profundo quando pensa-se na prática do professor nas aulas de Língua Portuguesa quando

⁷ ANTUNES, Irandé. Muito Além da Gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 138.

⁸ BRASIL. MEC/SEF. Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.



trata-se da abordagem do conjunto de regras que define a forma de uma linguagem, estabelecendo como são compostas as suas estruturas básicas (palavras), como também da abordagem das relações que as palavras estabelecem entre si nas orações e das relações que se estabelecem entre as orações nos períodos⁹. Dito de outro modo, pode-se apresentar uma reflexão sobre a importância do contexto no processo de interpretação e, portanto, da preocupação da inserção deste em uma abordagem que toque nas considerações teóricas que constituem a Sintaxe.

Para os gramáticos de um modo geral, a sintaxe se ocupa das relações entre palavras na oração e das orações no período. Esse entendimento desconsidera o relacionamento entre sintagmas para formar orações e pretere um aspecto muito importante: o da criatividade lingüística, na produção e interpretação das sentenças da língua. São as regras de sintaxe que, naturalmente, permitem ao falante produzir um sem-número de sentenças e ao interlocutor decodificá-las, independentemente de as mesmas serem inéditas.¹⁰

Pode-se interpretar a partir da leitura de Rossignoli¹¹ que a sintaxe ensinada na escola desconsidera o aspecto relacional importante à interpretação, e infelizmente, ao abordar as relações sintáticas a maioria dos educadores o faz não permitindo que o educando possa considerar/relacionar o contexto em que o enunciado está inserido, ou seja, “[...] em oposição à frase, unidade entendida como modelo, como uma seqüência de palavras organizadas segundo a sintaxe e, portanto, passível de ser analisada fora do contexto”¹². O que encaminha a reflexão para entender a importância do

⁹ AZEREDO, J. C. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. São Paulo: Publifolha, 2008.

¹⁰ ROSSIGNOLI, W. Alguns aspectos da sintaxe portuguesa: uma leitura crítica da gramática tradicional. In: Artigos. Língua Portuguesa. Portal Dia a Dia Educação. Secretaria de Estado da Educação do Paraná (Seed-PR), 2010, s.p.. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/artigos/artigo\(1\).pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/artigos/artigo(1).pdf)>. Acesso em: abr. 2015.

¹¹ Ibid.

¹² BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, Beth. Bakhtin: dialogismo e construção do sentido. SP: Editora Unicamp, 2005. p. 63.



professor em encarar que cada enunciado proposto ao interlocutor/aluno deve ser concebido como “[...] unidade de comunicação, como unidade de significação, necessariamente contextualizado. Uma mesma frase realiza-se em um número infinito de enunciados, uma vez que esses são únicos, dentro de situações e contextos específicos, o que significa que a ‘frase’ ganhará sentido diferente nessas diferentes realizações enunciativas”¹³.

Neste entendimento, um texto deve ser trabalhado como fator de análise das funções exercidas pelas classes gramaticais, sejam elas morfológicas ou sintáticas. Assim, nesta esteira, o professor poderá de forma prática apresentar aos alunos as diversas funções que tais classes apresentam, fugindo do “decoreba”/repetição que norteia os ensinamentos da gramática¹⁴.

As considerações anteriores enunciam que ensinar Língua Portuguesa é mediar relações sentido; múltiplas significações; interagir com as interpretações possíveis, processos estes que o educador encontra-se como maior responsável por mediar e deflagrar.

Para o autor e para esta proposição de estudo opta-se por levantar a relevância de se ensinar gramática só pode ser considerada se pensar esta abordagem vinculada ao contato íntimo e frequente com o (s) texto (s).

OBJETIVOS

Para empreender o estudo a que se propõe este artigo, nota-se a necessidade de salientar os objetivos que norteiam tal caminhada teórica:

- Pesquisar, analisar e identificar possibilidades de práticas pedagógicas para o ensino da sintaxe nas séries finais do

¹³ Ibid., p. 63.

¹⁴ DAMASCENO JUNIOR, Raimundo Nonato Silva. Texto: A base para o ensino da gramática. 2009. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Letras – Língua Portuguesa e suas literaturas. Faculdade Evangélica de Brasília, Distrito Federal, 2009, p. 28. Disponível em: <<http://monografias.brasile scola.com/educacao/texto-base-para-ensino-gramatica.htm>>. Acesso em: abr. 2015.

Ensino Fundamental utilizando gêneros textuais diversos e ludicidade.

- Possibilitar a abordagem e discussão de metodologias diferenciadas para o ensino sintaxe nas series finais do Ensino Fundamental.
- Oportunizar a compreensão de estruturas sintáticas com o auxílio poéticos textos, letras de músicas e textos narrativos, fábulas e mitos.

Salienta-se que tais objetivos estão envolvidos em uma:

[...] proposta de trabalho com a ludicidade no cotidiano escolar é, sobretudo, fazer com que os professores repensem suas práticas discursivas e possam ser competentes pesquisadores de forma a adotarem uma postura facilitadora ante a produção de conhecimento. Como bem afirma Freire (1996), “não há ensino sem pesquisa nem pesquisa sem ensino”, assim, o educador precisa a todo tempo, de forma crítica e seletiva, buscar novos conhecimentos, ousar, correr riscos.¹⁵

METODOLOGIA E ANÁLISE DA PRÁTICA DO ENSINO DA SINTAXE: ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR E LÚDICA

Fez-se uma observação participativa, já que trata-se uma análise de sequências didáticas efetivadas pela autora do referido artigo com alunos cursando o oitavo ano do Ensino Fundamental II.

Tal observação permitiu observar e analisar a possibilidade de trabalhar-se a sintaxe a partir de textos narrativos.

O material usado na aula foram textos mitológicos, para que primeiramente os alunos identificassem as palavras desconhecidas e depois as frases nominais e verbais contidas no texto, bem como a quantidade de

¹⁵ VALÉRIO, Cláudia Lúcia Landgraf Pereira. Atividades lúdicas no ensino/aprendizagem da língua portuguesa. In: Alfabetização e Linguagem - Cefapro/Cbá, 14 de agosto de 2008, s.p.. Disponível em: <<http://alfalinguacefaprocbba.blogspot.com.br/2008/08/atividades-ldicas-no-ensino.html>>. Acesso em: abr. 2015.



orações e períodos simples ou compostos. A prática contemplou para os alunos pesquisarem em casa recortes de jornais e revistas contendo uma frase nominal, uma verbal, orações e períodos. Em um segundo momento, os alunos ouviram a música Pássaro de Fogo¹⁶, em seguida identificaram na letra da música as locuções verbais contidas.

Pretendeu-se através da observação participativa descrever, interpretar e analisar sequências didáticas de aulas da Língua Portuguesa, que objetivavam a abordagem teórica das estruturas sintáticas: Frase, Oração, Período e Locução Verbal, a partir da exploração das proposições contidas no texto.

Ou seja, o ensino da sintaxe contextualizada ao ensino da estrutura narrativa mítica.

Busca-se apresentar os resultados obtidos nesta prática e sua discussão em relação ao arcabouço teórico já disponível.

Para tanto, a referida sequência didática foi desenvolvida em quatro aulas cada uma com o seu respectivo plano de aula.

Devido à estrutura pré-estabelecida na presente proposição teórico – acadêmico – científica, opta-se por descrever uma destas aulas em que foi possível observar uma articulação sintático – semântica na prática de ensino de estruturas que permitem reconhecer as relações entre texto, frase, oração e período sem que estas relações estejam desconectadas do texto em si. Assim, desta maneira, articulando sentido/semântica e estrutura/sintaxe, ou seja, nos parágrafos a seguir descreve-se tanto a prática quanto a análise da prática e os objetivos alcançados nessa.

A professora solicitou que os alunos explanassem sobre o que conseguiram pesquisar sobre o mito das Asas de Ícaro. Após alguns comentários, a professora distribuiu às fotocópias que apresentavam o texto As

¹⁶ FERNANDES, Paula. Pássaro de Fogo. 2009 In: Vagalume. s.p. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/paula-fernandes/passaro-de-fogo.html>>. Acesso em: abr. 2015.



asas de Ícaro¹⁷. Posteriormente, os alunos leram silenciosamente o texto e marcaram as palavras desconhecidas, na sequência, foi feita a exploração do vocabulário. Dando prosseguimento, foi salientado que o texto possui um narrador e personagens. A professora perguntou quais eram os personagens do texto, escrevendo na lousa o nome de cada um dos personagens e posteriormente perguntou quem gostaria de ler os trechos do narrador, quem gostaria de ser Ícaro, e conseqüentemente, fez a mesma ação com os demais personagens. A seguir, os alunos fizeram a leitura dramatizada do texto em questão. Finalmente, após a leitura, foi dito que seria utilizada a lenda para conhecer um pouco mais sobre como as palavras podem estruturar-se em frases, orações e períodos.

A professora leu o primeiro trecho destacado no Exemplo 1: **O que é isto, uma fantasia?** Escrevendo o trecho na lousa. Explorando os efeitos de sentido decorrentes dos processos sintático semânticos na interação entre leitor e texto, solicitou que os alunos encontrassem os verbos presentes neste exemplo, encaminhando a reflexão dos alunos comportamento linguístico constituído por cada ação no enunciado. Então, explicou que esta era uma frase verbal porque possuía verbo: É. Dessa forma, destacou a professora, também poderia concluir-se que esta frase tem apenas uma oração. Ou seja, esclareceu a professora, cada vez que os alunos identificassem um verbo em uma frase poderiam caracterizar de oração. Porém, no Exemplo 2 pediu bastante atenção: **Vamos, pegue minhas ferramentas.** Encaminhou a discussão para que os alunos/leitores percebessem que o contexto relacionado a(s) ações(s) oportunizava um conjunto de pressupostos ou crenças necessárias para que a interpretação do(s) enunciado(s) em questão . Após a mediação da discussão, foi possível identificar quantos verbos este enunciado possuía, salientou aos alunos que este exemplo possuía dois verbos: VAMOS -

¹⁷ Veja-se anexo. FRANCHINI, A.S.; SEGANFREDO, C. As 100 melhores histórias da mitologia. Deuses, heróis, monstros e guerras da tradição Greco-romana. 6.ed. Porto Alegre: 2003, p. 54-56.



PEGUE. Então, explicou que tratava-se de uma frase verbal com duas orações, pois identificavam-se 2 verbos.

O Exemplo 3: **Sua pele refletia um tom dourado, e parecia que ele era o próprio filho do Sol**, foi analisado na situação/cenário interpretativo que este enunciado construía em relação ao texto, tal prática permitiu aparecer o sentido que se desejava analisar. Segundo explanação da professora, permitia observar que tratava-se de uma construção com mais de um verbo/ação/estado: REFLETIA- PARECIA- ERA, colocando tais termos sob diferentes focos ou sobre diferentes fundos/exemplos. Os alunos tiveram oportunidade de perceber que ao trocar/alterar mudar as ações/estados os efeitos de sentido também eram alterados, observando tanto critérios morfológicos quanto sintáticos em relação aos sentidos produzidos pelo enunciado no texto. Esta possibilidade de mediar uma análise/reflexão focando na relação de sentidos estabelecida entre termos x enunciados x texto para se pensar nos aspectos funcionais/estruturais/sintáticos é teorizada por Guilmar¹⁸: “em muitos casos apenas o contexto nos permitirá estabelecer a diferença”¹⁹. Na sequência, a professora explicou que se tratava de uma Frase verbal com 3 orações, pois possuía 3 verbos.

A professora, aprofundando mais a exploração quanto à estrutura das frases, apresentou outro aspecto, que seria observado no próximo exemplo, Exemplo 4, **Ícaro passou as costas das mãos sobre a testa suada**. O referido exemplo foi explorado pelos alunos compartilhando tanto produções de sentido possíveis pelo conhecimento de mundo/lendas/mitos quanto de fatores extralinguísticos que auxiliaram nas interpretações. Desta forma, os alunos detectaram que o enunciado possuía um verbo: PASSOU. Então, estes concluíram que tratava-se de uma frase verbal, uma oração e temos um Período. Os questionamentos da professora permitiram que os alunos chegassem a conclusão que o período nada mais era do que a frase

¹⁸ GUILMAR, César. Aulas de Português. Rio de Janeiro: Leviatã, 1994, p. 150.

¹⁹ Ibid., p. 150.



organizada em oração ou orações. Comparando ao próximo Exemplo 5: **Ícaro percebeu que a estrutura das asas se desfazia**, inferiram que se tratava de uma frase verbal, com duas orações e, portanto, um período composto. Posteriormente, a professora pediu que em grupos os alunos produzissem um esquema que sintetizasse as conclusões obtidas em cada um dos exemplos analisados. Cada grupo apresentou as sínteses produzidas, quando detectava uma inconsistência ou equívoco a professora fazia intervenções e questionamentos fazendo que todos refletissem a respeito, fazendo uso da lousa caso necessárias.

Foi solicitado aos alunos que pesquisassem em casa trechos de letras músicas e observassem a possibilidade de aplicação do esquema/síntese teórica produzida em exemplos coletados: frases verbais com uma, duas ou mais orações, ou seja, trechos que exemplificassem as abordagens feitas sobre períodos simples e compostos.

Pode-se perceber que a sequência didática em questão pode demonstrar que:

Assim como outras disciplinas, a Língua Portuguesa também pode ser trabalhada como um instrumento lúdico, motivador ao propor uma situação-problema e oferecer ao educando várias oportunidades de atuar criativamente sobre a própria língua. A ludicidade requerida justifica um ensino por meio de atividades atraentes e integrar as diversas disciplinas que compõem a área de Linguagem em um único trabalho pode ser uma boa oportunidade para desenvolver uma proposta lúdica e interdisciplinar²⁰.

A professora apresentou a música *Sonho de Ícaro* de autoria de Biafra²¹ para que os alunos ouvissem e relacionassem com a lenda lida. Solicitou que os alunos identificassem na referida letra, distribuída em fotocópias, trechos

²⁰ VALÉRIO, Cláudia Lúcia Landgraf Pereira. Atividades lúdicas no ensino/aprendizagem da língua portuguesa. In: Alfabetização e Linguagem - Cefapro/Cbá, 14 de agosto de 2008, s.p.. Disponível em: <<http://alfalinguacefaprocbba.blogspot.com.br/2008/08/atividades-lidicas-no-ensino.html>>. Acesso em: abr. 2015.

²¹ BIAFRA. *Sonho de Ícaro*. 1984. In: Vagalume.s.p. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/byafra/sonho-de-icaro.html>>. Acesso em: abr. 2015.



que pudessem ser relacionados com os trechos trabalhados. Assim foi possível perceber que enunciados estruturalmente diferentes e funcionalmente diferentes podem ter produzido efeitos de sentidos semelhantes como, por exemplo: *Ir até que um dia chegue enfim/ Em que o sol derreta a cera até o fim*²². Finalmente, professora distribuiu fotocópias com palavras cruzadas que exploravam o tema Mitologia Grega.

Foi percebido que seria muito produtivo se as professoras de Artes e História pudessem ter participado tanto do planejamento desta sequência quanto planejassem também propostas que explorassem a temática Mitologia Grega em suas disciplinas, porém como a intervenção descrita neste estudo realizou-se durante o processo de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa realizado na disciplina de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa I do Curso de Letras - Habilitação Plena em Português/Inglês e Respectivas Literaturas da Sociedade Educativa e Cultural Amélia Ltda. – SECAL de Ponta Grossa não foi possível propor-se e efetivar-se tal integração/interação entre as referidas áreas. Porém, pode-se trabalhar de forma integrada os conhecimentos que se referem às referidas áreas na sequência didática em questão optando por metodologia interdisciplinar e lúdica oportuniza-se a compreensão de estruturas sintáticas com o auxílio de textos poéticos, letras de músicas e textos narrativos, fábulas e mitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme se pode perceber o presente estudo abordou um dos enfrentamentos mais temidos ao futuro professor de Língua Portuguesa e porque não dizer dos professores que já atuam nesta área: ensinar sintaxe no contexto dos anos finais do Ensino Fundamental.

Neste entendimento, detectou-se nas práticas realizadas que o desconforto também é notado no educando quanto ao assunto, desconforto

²²Ibid.



FACULDADE
FESP
EDUCAÇÃO SUPERIOR DESDE 1937



SECAL

NOSSA MISSÃO É TRANSFORMAR PESSOAS



URI | FREDERICO
WESTPHALEN

este muitas vezes pela não identificação específica com a sintaxe, mas com o modo de abordagem desta por outros professores em outras etapas ou séries de sua vivência escolar. Desta forma, ao saberem que o conteúdo abordado é sintaxe demonstram-se resistentes, apáticos ou enfadados.

É justamente baseado nestes pressupostos que ao efetivar uma prática sustentada no lúdico sem desmerecer a importância do texto como fonte de percepção da estrutura que rege a língua portuguesa, identificou-se que estes alunos demonstraram-se motivados, instigados e participantes do processo de apreensão e reconhecimento das relações entre texto, frase, oração e período, como também conseguiram ao final da aula diferenciar frase, oração e período dividindo-o e classificando as orações nele existentes. Porém, tal processo foi possível a partir do reconhecimento destas estruturas na narrativa mítica.

Tal processo, portanto, explorou tanto o conhecimento pré-existente deste educando sobre mitos quanto expandiu este repertório, assim o contato com a sintaxe não gerou desconfortos ou distanciamentos entre o que se estava apreendendo estruturalmente e o que se estava interpretando a partir da narrativa em questão.

Sabe-se que muito ainda precisa ser aprofundado para que este estudo contemple tanto teoricamente quanto conclusivamente acerca do tema em questão, porém, acredita-se que com as afirmações e análise tecidas até então demonstram-se um primeiro movimento de apresentar a relevância e importância do papel do professor na articulação anteriormente mencionada: metodologias diferenciadas para o ensino sintaxe nas séries finais do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003



FACULDADE
FESP
EDUCAÇÃO SUPERIOR DESDE 1937



NOSSA MISSÃO É TRANSFORMAR PESSOAS



URI | FREDERICO
WESTPHALEN

____. **Muito Além da Gramática:** por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa.** São Paulo: Publifolha, 2008.

____. Iniciação à sintaxe do português. Rio: Jorge Zahar, 1993.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** 1.ed. Trad. do francês de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins e Fontes, 1992. (original de 1979).

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. **Gramática: texto, reflexão e uso.** São Paulo: Atual, 1998.

BIAFRA. Sonho de Ícaro. 1984. In: **Vagalume.** Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/byafra/sonho-de-icaro.html>>. Acesso em: abr. 2015.

BRAIT, Beth. **Bakhtin:** conceitos-chave. SP: Contexto, 2005. p. 61-78.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem.

In:

BRAIT, Beth. **Bakhtin:** dialogismo e construção do sentido. SP: Editora Unicamp, 2005. p. 87-98.

BRASIL. MEC/SEF. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

DAMASCENO JUNIOR, Raimundo Nonato Silva. **Texto:** A base para o ensino da gramática. 2009. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Letras – Língua Portuguesa e suas literaturas. Faculdade Evangélica de Brasília, Distrito Federal, 2009. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.com/educacao/texto-base-para-ensino-gramatica.htm>>. Acesso em: abr. 2015.

FERNANDES, J. P. S.; PEREIRA, R. C. M.. A fábula em sala de aula: uma experiência docente com a sequência didática. In: Denilda Moura. (Org.). **Os desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita.** Maceió: EDUFAL, 2008, v. , p. 215-218.



FACULDADE
FESP
EDUCAÇÃO SUPERIOR DESDE 1937



NOSSA MISSÃO É TRANSFORMAR PESSOAS



URI | FREDERICO
WESTPHALEN

FERNANDES, Paula. Pássaro de Fogo. 2009 In: **Vagalume**. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/paula-fernandes/passaro-de-fogo.html>>. Acesso em: abr. 2015.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLLI, Francisco Platão. **Para entender o texto: leitura e redação**. 16ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

FRANCHINI, A.S.; SEGANFREDO, C. **As 100 melhores histórias da mitologia**. Deuses, heróis, monstros e guerras da tradição Greco-romana. 6.ed. Porto Alegre: 2003, p. 54-56.

GUILMAR, César. Aulas de Português. Rio de Janeiro: Leviatã, 1994.

ILARI, Rodolfo. BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006

_____. **Introdução à semântica** – brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves Propostas para um ensino prazeroso de língua portuguesa. In: **Revista Philologus**, Ano 14, N° 40 - Supl. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2008. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO14/40SUP/009.pdf>>. Acesso em: abr. 2015.

PEREIRA, R. C. M.. Didática do ensino de língua portuguesa. In: Aldrigue, Ana Cristina de Sousa; Faria, Evangelina Maria Brito de. (Org.). **Linguagens usos e reflexões**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2009, v. 5, p. 223-261.

ROSSIGNOLI, W. Alguns aspectos da sintaxe portuguesa: uma leitura crítica da gramática tradicional. In: Artigos. Língua Portuguesa. **Portal Dia a Dia Educação**. Secretaria de Estado da Educação do Paraná (Seed-PR), 2010. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/artigos/artigo\(1\).pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/artigos/artigo(1).pdf)>. Acesso em: abr. 2015.

VALÉRIO, Cláudia Lúcia Landgraf Pereira. Atividades lúdicas no ensino/aprendizagem da língua portuguesa. In: **Alfabetização e Linguagem** - Cefapro/Cbá, 14 de agosto de 2008. Disponível em: <<http://alfalinguacefaprocb.blogspot.com.br/2008/08/atividades-ldicas-no-ensino.html>>. Acesso em: abr. 2015.



ANEXO – TEXTO AS ASAS DE ÍCARO

AS ASAS DE ÍCARO

— Meter-se com reis dá nisto, Ícaro! -dizia o inventor Dédalo, desconsolado, ao seu filho, que o observava.

Ambos estavam presos no labirinto de Creta. O labirinto era a encomenda que o rei Minos fizera ao próprio Dédalo para encerrar o Minotauro, flagelo da cidade. O Minotauro fora derrotado, mas Dédalo caiu em desgraça com o rei, pois fornecera à princesa Ariadne o fio que ela entregou a Teseu e o qual este usou para fugir do labirinto após matar o Minotauro.

Minos, que não esperava que Teseu derrotasse o monstro, passou a ver Dédalo como traidor e o fez provar, junto com o filho Ícaro, um pouco do seu próprio remédio.

Um dia os dois estavam a contemplar o azul do céu, sentados em uma colina como de hábito, quando Dédalo deu uma palmada repentina na testa:

— Já sei, Ícaro, o que faremos!

Sem dizer mais nada, começou a descer o rochedo, acompanhado pelo filho, que o seguia apressadamente. O jovem sabia que o pai era muito inventivo e que estava sempre com a cabeça cheia de novos projetos. Preferiu deixar que a ideia amadurecesse na cabeça do velho enquanto desciam. Tão logo chegaram à base da ilha, o velho mandou.

— **Vamos, pegue minhas ferramentas** — disse o pai ao filho, antes de sair em busca de alguma coisa. Quando Dédalo retornou, seus braços estavam repletos de penas de aves, que ele abatera com a eficiência de um experiente caçador.

— O que pretende fazer, pai, com todas estas penas? — disse Ícaro.

Sem responder, Dédalo começou a serrar pedaços de madeira. De suas mãos começaram a surgir duas grandes armações, que lembravam o esqueleto de uma asa.



— O que é isto, uma fantasia? — perguntou Ícaro, ao ver o pai colar as penas nas varas de madeira.

— Tudo se inicia pela fantasia, meu Ícaro... — disse o velho, com o ar sonhador.

Logo Dédalo tinha nas mãos um grande e alvo par de asas.

— Vamos, filho, me ajude a colocá-las nas costas! Ícaro, que naturalmente já entendera o plano, ajudou-o, empolgado pela ideia.

Nem bem Dédalo terminara de colocar o par de asas às costas, seus pés começaram a se erguer do solo.

— Funciona! — exclamou Ícaro, sentindo no rosto suado o vento refrescante das asas do pai.

— Vamos, Ícaro, vamos construir uma para você também!

Os dois passaram o resto do dia aplicados em aperfeiçoar o mecanismo das asas artesanais.

— Aqui está a nossa liberdade! — disse o velho, ao colar as últimas penas nas armações.

— Mas serão sólidas o bastante para atravessarmos o oceano? — perguntou Ícaro.

— Claro! — respondeu Dédalo — O único cuidado que devemos ter é não nos aproximarmos muito do sol, pois o calor poderia derreter a cera que prende as penas.

No dia seguinte, bem cedo, subiram para o alto da torre, cada qual carregando com amoroso cuidado o seu par de asas. Exaustos, descansaram um pouco até que Ícaro, impaciente para testar o seu equipamento, ajustou as suas asas às costas.

— Veja, pai, estou voando! — disse o rapaz, sem conter a sua euforia.

Deu várias voltas ao redor da torre, perdendo aos poucos o medo da altitude; seu pai também circundou a ilha munido das asas para testar-lhes a resistência.

— Basta de preparativos! — disse Dédalo.

— Vamos embora!

Pai e filho, juntos, colocaram os pés sobre a amurada, no ponto mais alto da torre; abaixo deles o mar espumava, chocando-se violentamente contra os recifes negros que pontilhavam toda a costa.



— Agora! — ordenou Dédalo.

Os dois lançaram-se ao ar, batendo os braços de maneira tão ritmada que pareciam dois pássaros a dividir o azul do céu com as gaivotas, que os observavam pasmadas.

— Não se esqueça do sol! — dizia de vez em quando Dédalo, ao ver que Ícaro se descuidava, subindo em demasia.

No começo os dois lutaram um pouco com as correntes de ar, que lhes roubavam momentaneamente o equilíbrio. Às vezes, o pai buscava Apolo nos braços do filho, às vezes, o filho recorria ao auxílio do pai. Já haviam deixado há muito tempo a ilha e agora não havia outro jeito senão mover os músculos com vigor, tentando poupar ao máximo o fôlego.

Dédalo ainda estava entregue ao deslumbramento quando percebeu que seu filho havia desaparecido.

— Ícaro, onde está você? — disse, inquieto.

O jovem, muito distante dali, planava nas alturas. De olhos cerrados, Ícaro lançara-se num voo cego, para além das nuvens.

Após haver ultrapassado a linha dos grandes e acolchoados montes brancos, ficara pairando sobre eles, enquanto o sol arrancava um brilho intenso de suas asas.

Sua pele refletia um tom dourado, e parecia que ele era o próprio filho do Sol.

— Queria ficar aqui para sempre! — Disse, inebriado de liberdade.

Enquanto agitava as asas, percebeu que uma grande pena roçou-lhe o nariz. Seus olhos a acompanharam rodopiando pelo espaço sem limites até desaparecer misturada ao branco das nuvens.

Ícaro passou as costas das mãos sobre a testa suada. Uma deliciosa rajada de vento refrescou sua pele ao mesmo tempo em que percebeu que um grande tufo de penas espalhava-se ao seu redor, como se um imenso travesseiro tivesse sido rasgado e esvaziado de todo o seu conteúdo. Grossos fios de cera derretida escorriam pelas armações, alcançando os seus braços. Com um grito de medo, **Ícaro percebeu que a estrutura das asas se desfazia.** Procurou esconder-se sob as nuvens, mas o sol tornara-se tão intenso que desmanchava as próprias nuvens, Ícaro percebeu que era o seu fim:

— Socorro, pai! — Gritou.



FACULDADE

FESP

EDUCAÇÃO SUPERIOR DESDE 1937



SECAL

NOSSA MISSÃO É TRANSFORMAR PESSOAS



URI

FREDERICO
WESTPHALEN

Entretanto, sua voz perdeu-se no vácuo. Seu pai, longe dali, estava impotente para lhe prestar qualquer auxílio. Desistindo, afinal, de tentar recuperar altura, Ícaro abandonou-se ao destino, indo cair nas águas revoltas do oceano. Enquanto isto, Dédalo vasculhava os céus.

— Ícaro, meu filho, responda! — Clamava inutilmente.

Durante muito tempo o velho vagou, fugindo sempre ao calor do sol, até que avistou sobre as ondas algumas penas. Sobrevoando mais um pouco o local.

Dédalo acabou por avistar o corpo do filho jogado às margens de uma das praias. Depois de tomá-lo nos braços, ficou um longo tempo abraçado a ele. Com o coração despedaçado, como as asas de Ícaro, Dédalo o enterrou no mesmo local, que passou a se chamar Icária, em sua homenagem.

Fonte: FRANCHINI, A.S.; SEGANFREDO, C. **As 100 melhores histórias da mitologia.** Deuses, heróis, monstros e guerras da tradição Greco-romana. 6.ed. Porto Alegre: 2003, p. 54-56.